

Esqueceram de avisar ao capitalismo? Uma análise crítica sobre a viabilidade do desenvolvimento sustentável e os ODS

Did they forget to tell capitalism? A critical analysis of the viability of sustainable development and the SDGs

Danilo de Oliveira Sampaio, Doutor em Administração pelo Cepead UFMG, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC).

danilo.sampaio@ufjf.br

Número da sessão temática da submissão – [02]

Resumo

Este artigo no modelo de ensaio teórico, possui viés crítico sobre o desenvolvimento sustentável (DS) e os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), tendo em vista o propósito da sua criação e aplicação, principalmente no que se refere aos direcionamentos da Organização das Nações Unidas (ONU) desde os anos 2015. Sob uma perspectiva realística, em que o sistema de produção vigente capitalista hegemônico provoca sobre as organizações e o Estado, o objetivo não aqui criticar por criticar, mas basear por meio de um resgate teórico, como o DS e os ODS foram concebidos, sem considerar, de fato, a realidade a qual as Nações e organizações estão inseridas, tanto no processo político, social, ambiental, territorial e econômico. Poucos países estão conseguindo cumprir a maioria dos ODS, enquanto que outros, mal conseguem evoluir nas suas estatísticas básicas de cumprimento. Surgem as questões: É possível conciliar o DS e as ODS com o capitalismo? O que fazer para viabilizar uma melhor qualidade de vida considerando os fatores sociais, econômicos, ambientais e territoriais?

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; ODS; Análise crítica; ONU; Capitalismo.

Abstract

This paper, in the form of a theoretical essay, takes a critical view of sustainable development (SD) and the Sustainable Development Goals (SDGs), considering the purpose of their creation and application, particularly regarding the guidelines of the United Nations (UN) since 2015. From a realistic perspective, in which the current hegemonic capitalist production system affects organisations and the state, the objective here is not to criticise for the sake of criticising, but to base our argument on a theoretical review of how SD and SDGs were conceived, without considering the reality in which nations and organisations operate, both in political, social, environmental, territorial and economic terms. Few countries are managing to meet most of the SDGs, while others are barely managing to improve their basic compliance statistics. The questions arise: Is it possible to reconcile SD and SDGs with capitalism? What can be done to enable a better quality of life, considering social, economic, environmental and territorial factors?

Keywords: Sustainable development; SDGs; Critical analysis; UN; Capitalism.

1. Introdução

O Desenvolvimento Sustentável (DS) e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) são compatíveis com a nossa realidade? Quais foram os possíveis erros na criação dos ODS ao considerar o capitalismo como principal meio de produção atual? O que fazer para viabilizar na Terra uma melhor qualidade de vida considerando os fatores sociais, econômicos, ambientais e territoriais? Já com estas questões, introduzimos o tema e algumas discussões desta pesquisa, ao realizarmos uma análise crítica de cunho individual. Em pleno sistema capitalista, apostamos que o DS e os ODS são compatíveis enquanto proposta e modelo de desenvolvimento mais voltado para a qualidade e igualdade de vida na Terra, mesmo que ocorram controvérsias vindas de diferentes correntes teóricas.

É importante salientar que não somos contra o DS e os ODS, mesmo porque, acreditamos em ambos, e pesquisamos no Brasil e exterior, desde os anos 2014, via grupo de pesquisa cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobre a importância de se ter uma vida na Terra onde se possa respeitar as pessoas, o meio ambiente natural e todas as espécies de vida animais e vegetais que possuímos neste planeta. Porém, justamente por estudar o tema DS por mais de uma década, principalmente se considerarmos o Brasil enquanto *locus*, sob a perspectiva filosófica, verificamos diferentes correntes de pensamento sobre a sustentabilidade ambiental, econômica, social e territorial. Neste sentido, percebemos uma necessidade de questionamento em termos de ajuste, do que se estuda sobre DS e ODS. Entendemos que há uma complexidade maior do que se esperava sobre a prática de um sistema capitalista que permita uma convivência com um aporte dos conceitos e práticas do DS e das ODS.

Observamos muitas pesquisas em áreas científicas diferentes sobre ideias, produtos, filosofias, em que a sustentabilidade é aplicada para melhorar e minimizar os impactos ambientais e as diferenças sociais, entretanto, percebemos que a maioria dos estudos partem para o plano operacional e prático, não que esse não seja importante, porém, nesta presente reflexão, o DS e os ODS são questionados sob uma crítica voltada a sua própria viabilidade, considerando o capitalismo como o principal meio de produção.

Por uma visão mais diretiva e até mesma ingênua, sem aprofundamentos ontológicos e epistemológicos, verifica-se, no mínimo, um paradoxo, ou seja, como promover e defender o DS e as ODS como um caminho melhor para a humanidade, se ao mesmo tempo, observamos cada vez mais o avanço do sistema capitalista enquanto um modelo hegemônico em termos econômicos, de produção, consumo e de poder? Considerando esta corrente de pensamento, observamos *papers* apontando tal paradoxo, como em Vizeu, Menghetti e Seifert (2012) e Mesquita (2006) em termos nacionais, bem como em Shrivastava (1995) e Hickel (2019) em termos internacionais.

Parece que ocorreu um mal entendido por volta da criação do termo DS, sustentabilidade e mesmo dos ODS, a partir dos anos 2015: esqueceram de avisar ao capitalismo que o DS e os ODS seriam possíveis soluções para uma vida melhor. Autores pesquisadores de diferentes Ciências, seja da Geografia, Administração, Sociologia, Economia, Direito, Engenharia, Antropologia, Design, Arquitetura, e tantos outros, frequentemente em congressos e periódicos científicos, discorrem sobre o DS e os ODS em suas respectivas áreas de estudos,

principalmente no viés operacional e empírico, apontando possíveis soluções para problemas climáticos locais e sociais, entretanto, não verificamos críticas pontuais sobre a relação permissiva entre capitalismo e DS e ODS.

Os esforços da ONU (2015), junto aos 193 Estados-membros, ao desenvolver os 17 ODS, tendo como fonte os objetivos do milênio (ODM), estes originados nos anos 2000 pela própria ONU (2000), objetivaram melhorar a qualidade de vida das pessoas, terminar com a pobreza e minimizar os impactos negativos no clima e no meio ambiente terrestre. É louvável o esforço de paz e união entre Nações promovida pela ONU para uma vida melhor, o que aqui neste estudo, não será criticado, muito pelo contrário, será aplaudido. Por outro lado, entretanto, faltou à ONU e aos Estados-membros, planejamento e estudos sobre os impactos que o sistema capitalista aplica a qualquer alteração abrupta do modo de produção e consumo, seja na relação entre poder e dominância, seja na diferença entre a realidade de países, considerando os níveis de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Neste contexto de análise crítica sobre o DS e as ODS na perspectiva capitalista, este artigo abre um debate pretendendo despertar uma maior explanação sobre o tempo atual que vivemos, sem citar um modelo ou mesmo promessas, porém, alertando sobre as evidências que apontam sobre incompatibilidade entre o DS e as ODS frente ao sistema capitalista de produção, permitindo assim, formas de repensar como o DS poderia ser de fato aplicado na realidade na qual vivemos.

2. Sustentabilidade e capitalismo: amigos ou inimigos?

O sistema capitalista de acordo com Carson (1962), enquanto modo de produção, é visto como um propulsor de injustiça social, bem como um agravante no que se refere ao desequilíbrio do meio ambiente, devido à degradação ambiental para dar forças ao crescimento industrial e das cidades. Corroborando Sachs (2002), que aponta uma importante necessidade do Estado em desenvolver uma regulamentação social e ambiental do mercado, pois para o autor, apenas o Estado tem a força de fazer o DS ser compreendido diante do capitalismo, via ecodesenvolvimento. Para o autor o desenvolvimento humano e social está acima de tudo, entretanto, com a crise ambiental, insere a preocupação com o meio ambiente natural e com uma economia viável. Sachs (2000) aponta uma importante ruptura a ser feita no sistema capitalista para que o DS tenha a sua oportunidade de atenuar as diferenças entre os países desenvolvidos e emergentes.

A princípio, principalmente se considerarmos a corrente econômica clássica neoliberal, em que o capital se sobrepõe ao trabalho, questiona-se: há como ser compatível ao sistema capitalismo o DS e os ODS? Algumas pesquisas na Economia e Sociologia, conduzidas no início dos anos 2000, já alertavam para os excessos do capitalismo. Principalmente após o período pós Segunda Grande Guerra, observou-se uma multiplicação quase que geométrica, das organizações multinacionais e dos países ditos desenvolvidos, em adotar uma expansão territorial, tanto do ponto de vista de consumo e produção, quanto do lado ideológico e mesmo de apropriação de território como fonte de poder. Essa movimentação no tabuleiro do poder mundial, com destaque no período de forças após a Guerra fria, apontou ao final com uma maior hegemonia do modo de produção capitalista, baseado no consumo e

expansão ideológica neoliberal.

Porém, com o aumento da produção e da ocupação consumista, observamos na Terra um ar cinza na atmosfera, um sufoco climático e ao derretimento maior de geleiras, decorrentes muitas vezes, do aquecimento global advindo do capitalismo sem freio. Iniciado pouco antes da Primeira Revolução Industrial ao final do Século XVII, conforme aponta Malm (2016), ao citar a Inglaterra como propulsora do capitalismo e da produção, a qual encontrou no carvão via máquina a vapor, a solução para aumentar a produtividade industrial, e assim, dar conta do consumo dos europeus. Malm (2016) apontou esse período como o do capital fóssil, ao alertar que tecnologia e inovação não conseguem frear a poluição e a degradação ambiental, visto que a cultura do consumo, também bem destacada por Bauman (2001, 2011), intima e convoca o capitalismo como modo de produção mais adequado ao acesso de bens e serviços. Diante desse cenário, o que pensar sobre o DS e os ODS? Como valorizar, por exemplo, a erradicação da pobreza (ODS 1) ou a produção e consumo sustentáveis (ODS 12), se o modo de produção capitalista está em desacordo?

Atualmente, não é a máquina a vapor, mas sim a robotização e a reconstrução do emprego que alimentam a produtividade. Entre a China ou os Estados Unidos, Índia ou Inglaterra, Alemanha ou Brasil, a modernidade líquida de Bauman (2001) que dá a energia para o consumismo sem qualquer tipo de controle. De nada adianta educar uma sociedade para a sustentabilidade, se essa própria sociedade não controla sua avidez consumista. Podemos dizer que, no sentido figurativo e atual, de nada adianta dizer a uma criança ou adolescente sobre as consequências do uso exagerado do celular, visto que as mídias sociais são, em tempos atuais, uma das maiores fontes de consumo e pertencimento social. Ou seja, do celular a um clique, são alimentadas as máquinas, as quais são conduzidas por robôs e alguns poucos seres humanos. É o modelo de produção capitalista sendo valorizado, sem qualquer restrição.

Mesmo em um mundo com tanta demanda e oferta, surge o DS e os ODS, como uma inspiração de melhoria para a qualidade de vida. A cada ODS uma esperança, a cada meta, uma luz. Mas como aplicar a sustentabilidade, visto que o capitalismo é cada vez mais imperativo?

3. Um convite a reflexão: do crescimento ao desenvolvimento econômico a sustentabilidade e a consciência das Nações

Já que o capitalismo é o modo de produção e o sistema pelo qual a vida das pessoas é conduzido, torna-se inicialmente interessante discernir a respeito de dois importantes momentos deste modo de produção: crescimento e desenvolvimento econômico.

Durante a transição do feudalismo, passando pelo mercantilismo ao advento do capitalismo, mesmo que durante alguns Séculos (Séc. XI ao XVIII), observamos um destaque dado ao sistema de trocas com fortalecimento do comércio, e posteriormente, com o surgimento da industrialização. Aquelas Nações privilegiadas, principalmente no continente europeu, que somaram territórios conquistados, seja pela dominação militar como pela imposição econômica e tecnológica, fortaleceram suas alianças e esforços para disseminar o

crescimento econômico.

O principal indicador de crescimento econômico é o Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, todas as riquezas produzidas por um país. Quanto mais um país produz e comercializa seus bens, mais ele cresce em termos econômicos, proporcionando um fluxo financeiro atrativo aos investimentos diretos. Até este ponto, a princípio, para uma interessante parcela de pesquisadores defende modelos de crescimento capitalista, baseados desde a teoria econômica clássica, como na Keynesiana, até se chegar à teoria neoclássica. O crescimento econômico neste sentido e ao que observamos atualmente, mantém seu pensamento na acumulação de capital por meio do que se chama de livre mercado, com foco no individualismo e na mínima participação do Estado (Singer, 2004). O aumento do PIB tem se revelado como um aumento também de amplitude de renda e de degradação ambiental (Montibeller-Filho, 2007).

Com a Segunda Revolução Industrial a partir dos anos 1945 e com a expansão do capitalismo e dos mercados, começaram a ser verificadas anomalias do sistema e modo de produção vigentes. Apesar do capitalismo proporcionar aos trabalhadores, uma inicial percepção melhoria de condição de vida, seja pelos ganhos salariais ou por algumas melhorias no ambiente de trabalho, que possibilitou maior consumo das famílias, ao longo dos anos, esse mesmo capitalismo se mostrou um sistema exploratório. Para Singer (2004), o capitalismo não é para todos, mas sim para uma classe seletiva, a qual se apropria do ganho de capital em detrimento de outra classe, que é levada à miséria. O autor defende uma alternativa como sendo o desenvolvimento solidário, baseado na economia social, a qual tem como princípio o cooperativismo e a repartição dos benefícios de forma mais igualitária entre aqueles com mais capital com os de menor capital.

A exploração intensa do capital sobre o trabalho, aumentando a amplitude de renda entre o poder financeiro dos mais ricos perante os mais pobres, o super crescimento econômico de poucas Nações frente à decadência e miserabilidade de um número cada vez maior de outras Nações, coloca um momento à sociedade de indignação e revolta, que questiona o capitalismo. Essa pressão fez surgir o desenvolvimento econômico. O crescimento econômico precede ainda o desenvolvimento econômico. Enquanto que o principal indicador do crescimento econômico é o PIB, o desenvolvimento tem como principal variável de medição o Índice de Desenvolvimento Econômico (IDH), o qual é mais amplo do que o PIB, pois além das riquezas que podem ser produzidas por um país, é também somado variáveis como índices de educação, saúde, infraestrutura, e redução de desigualdade. Para o desenvolvimento econômico o objetivo principal é melhorar a qualidade de vida das pessoas (Bresser-Pereira, 2016). Para o autor, além da acumulação do capital inerente do crescimento econômico, o desenvolvimento econômico perpassa pelo aumento do padrão de consumo e na sofisticação do trabalho.

O desenvolvimento econômico veio para suavizar o crescimento econômico, e assim deixar a sociedade menos dividida entre ricos e pobres, fazendo proporcionando uma maior distribuição de renda perante diferentes classes sociais. Entretanto esse modelo mais “social” do capitalismo iludiu por pouco tempo a realidade objetiva entre as pessoas e organizações. O problema do desenvolvimento econômico está em manter o poder na classe detentora do capital, a qual detém a tecnologia como também o setor de inovação e robotização. Não há

espaço no desenvolvimento econômico para o DS e os ODS, pois o antagonismo prevalece.

Vamos observar o caso maiores economias do mundo, como os Estados Unidos, China, Japão, Rússia, Alemanha, Reino Unido, França e Índia. O caso da Índia, mesmo com elevadas diferenças entre os mais ricos e mais pobres, está dentre aqueles com maior PIB, porém com menor IDH. Os demais países, apresentam também um número cada vez maior de desempregados e problemas sociais em suas cidades (Souza *et al.*, 2022). Sob este prisma, o capitalismo além de concentração de riqueza, traz também concentração de problemas sociais e ambientais.

Pior ainda é o que encontramos sobre os sete países que mais emitem gases do efeito estufa no planeta Terra (gases em MtCO² - Megatoneladas de dióxido de carbono equivalente), sendo estes também pertencentes às maiores economias mundiais (PIB): 1º China (15 bilhões de toneladas de CO² em 2024), 2º Estados Unidos (5,91 bilhões de toneladas de CO²), 3º Índia (4,37 bilhões de toneladas de CO²), 4º União Europeia (3,16 bilhões de toneladas de CO², destaque para Alemanha, Itália, Reino Unido e França) e 5º a Rússia (2,57 bilhões de toneladas de CO²), 6º Indonésia (1,32 bilhões de toneladas de CO²) e em 7º Brasil (1,30 bilhões de toneladas de CO²) (EDGAR-Emissions Database for Global Atmospheric Research, 2025).

A sustentabilidade por meio do DS e dos ODS (ONU, 2015) somam muitas métricas e conceitos para promover um mundo melhor e uma melhor qualidade de vida a todas as pessoas na Terra. O equilíbrio entre a economia, meio ambiente e sociedade está na base do DS, o que defendemos e priorizamos em nossas pesquisas. Entretanto, é fato a existência de um *gap*, sendo este a ser pensado e planejado, tanto pelos acadêmicos das mais diferentes ciências, como pelos representantes das Nações e organismos como a ONU. Não há fórmula mágica e simples para resolver como o DS e as ODS podem interagir e contribuir ao modo de produção capitalista, entretanto algumas possíveis tentativas ou alternativas estão em andamento, como o desenvolvimento solidário (Singer, 2004) e o ecodesenvolvimento (Sachs, 2002).

4. Procedimentos Metodológicos

Este artigo não utiliza metodologia empírica, pois enquanto ensaio teórico, com viés crítico, propõe uma reflexão (Bertero, 2006) acerca do DS e dos ODS perante o modo de produção capitalista. Para o autor, o ensaio teórico não é preso na terceira pessoa ou impessoalidade, sendo portanto, neste presente trabalho, utilizada a primeira pessoa como proposta de linguagem.

Nesta pesquisa, o leitor não vai ter uma resposta ou mesmo modelos de pensamento, porém será possível gerar dúvidas, incertezas e mesmo rupturas de ideias a respeito do tema tratado. Conforme (Meneghetti, 2011), o ensaio é uma possibilidade consciente e intencional para a compreensão de um tema.

Um ensaio teórico segundo Adorno (1986) obriga “o pensar” sobre um tema, sem se tornar algo conformista. O ensaio teórico traz a reflexão e a interpretação convidando para uma amplitude do pensamento (Meneghetti, 2011). Segundo o autor “No ensaio, os

procedimentos de coleta e evidenciação do mundo empírico não são o centro de sustentação da sua forma” (Meneghetti, 2011, p. 326).

5. Considerações Finais

Diante deste ensaio teórico, esperamos possibilitar ao leitor, um convite para uma reflexão e questionamentos sobre como o DS e as ODS podem ser compreendidas e mesmo aprimorados no modo de produção capitalista. Observamos nas leituras e pesquisas, oportunidades de preencher um *gap* para preencher com as práticas da sustentabilidade, o teor do capitalismo, entendendo que este é o modo de produção atual.

A nossa visão é convidar pesquisadores, Estado, agências e instituições como ONU, União Europeia, dentre outros, para que estes possam colaborar e propor, em comum acordo, possibilidades de interação, desde definições até mesmo práticas e políticas, para aprimoramento do DS junto ao capitalismo.

O que não pode ocorrer é uma miopia em considerar que tudo está bem e que o atual sistema capitalista está dando conta das disparidades entre as Nações, sejam estas econômicas, ambientais, sociais e territoriais. Há de se ter bom senso e promover debates e discussões, que tenham propostas factíveis se possibilitar atender aos propósitos da sustentabilidade na sua essência, mesmo em ambiente capitalista. A falta de cumprimento das métricas dos ODS para atender a Agenda 2030, é uma prova de que o esforço tem sido muito válido, apesar de termos ainda muitas dificuldades em termos de qualidade de vida de todas as pessoas na Terra, bem como dos demais seres vivos no meio ambiente natural.

Algumas propostas vistas como o ecodesenvolvimento ou a economia social e solidária são apostas que podem ser estudadas em maior volume e amplitude de prática social. Além destas propostas, outras ocorrem pelos diferentes continentes, e a nós, acadêmicos, resta continuar a acreditar na sustentabilidade e no aprimoramento dos ODS, sem perder o foco na realidade capitalista. Pesquisas devem iniciar e outras precisam continuar, para que de fato, mais vozes sejam escutadas e mais ações sejam planejadas e implementadas para termos um desenvolvimento sustentável que permita nossa continuidade no planeta, com foco na preservação ambiental e de todas as espécies, proporcionando mais equidades entre as Nações em termos econômicos e sociais.

Como um ensaio teórico, a proposta aqui foi de reflexão sobre a temática, sendo, portanto, sugerido com base no que foi dito e comentado neste trabalho, possibilidades de novas pesquisas, sejam estas empíricas, teóricas e mesmo aplicadas.

Referências

- ADORNO, T. W. (1986). **O ensaio como forma**. In G. Cohn (Org.), *Sociologia: Adorno* (pp. 167-187). São Paulo: Editora Ática.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Modernidade líquida.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERTERO, Carlos O. **Ensino e pesquisa em administração.** Coleção Debates em Administração. Porto Alegre: +A Educação, Cengage Learning Brasil, 2006.

EDGAR - Emissions Database for Global Atmospheric Research. European Commission. 2025. In: **GHG emissions of all world countries.** Disponível em https://edgar.jrc.ec.europa.eu/report_2025?vis=co2pop#emissions_table. Acesso em: 08 jan. 2025.

HICKEL, Jason. **Less is More: How Degrowth Will Save the World.** Random House, 2019.

MALM, Andreas. **Fossil Capital. The Rise of Steam Power and the Roots of Global Warming.** London: Verso, 2016.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. Economic Growth and Sustainability. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 1, 2007. DOI: 10.14393/SN-v19-2007-9343. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9343>. Acesso em: 16 jan. 2026.

ONU. **Organizações nas Nações Unidas.** 2015. O desenvolvimento sustentável e os ODS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 7-22, ago. 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9997>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SOUZA, S. P.; FARIA, J. R.; DE LIMA, W. T.; LIBÓRIO OLIVEIRA, A. M.; LACORTT, M.; FERREIRA, D. da S. PENSANDO NOVOS ATORES NO MUNDO. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 6, n. 1, p. 13-22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteiriça/article/view/2632>. Acesso em: 13 jan. 2026.